

A mais fantástica e mais maravilhosa viagem: a vida

Estamos no final da manhã do segundo dia de viagem no Búfalo e chegaremos daqui a pouco a Belém. A viagem é tão longa devido a paradas em muitas aldeias e lugarejos pela selva! Dormimos em um deles. Pousamos também em Cachimbo, uma pequena base da FAB onde vivem os Kreen-Akarore, os índios gigantes, famosos nas reportagens *parimat* e que, depois de contatados, caíram, em grande número, vítimas de tuberculose.

Assistimos às últimas imagens dessa mata fantástica e vou me lembrando do início da nossa viagem, quando saímos de nossa cidade e não sabíamos aonde iríamos, nem como iríamos. Acabamos indo exatamente onde teríamos desejado ir... se tivéssemos a liberdade de sonhar tão alto. E exatamente da forma como gostaríamos, caso ousássemos, também, soltar tão livre nossa imaginação. Só que nunca sonharíamos tanto: Cururu, Mõnjouroko, Tawé – o pequeno/grande Tuxaua de cinco mil índios –, o bravo, valoroso e incrível Catalina, pássaro de ferro que bóia nos rios, o “Grande Ventre” e *kobe*, a nossa canoa, a encantada embarcação que abre caminhos na floresta e navega por entre as árvores rumo ao céu.

E entendo e confirmo que, se planejássemos uma tal viagem, ela jamais aconteceria da forma como aconteceu. Foi preciso que estivéssemos abertos para o inesperado e que criássemos condições para que ele acontecesse, para que nosso destino se exercesse. Foi necessário que não estivéssemos apegados a um fim, mas apenas abertos para o que sabíamos – e sabemos – ser a mais difícil, mais fantástica e mais maravilhosa viagem: a vida.